

Cantos, Versos e Lendas de Belver

Versão 2.0



Índice

| | |
|------------------------------|------------|
| Versos ----- | pág. 3 |
| A Minha Vila ----- | pág. 3 |
| Comboio Eléctrico ----- | pág. 3 |
| O Castelinho ----- | pág. 3 |
| Desde Sempre ----- | pág. 3 |
| Lendas ----- | pág. 4 |
| A Bruxa da Assaquia ----- | pág. 4 |
| As Muralhas do Castelo ----- | pág. 4 |
| História ----- | pág. 4 - 5 |



O Comboio eléctrico

Esta vila tem encantos
E também muito que ver
É uma vila muito calma
De seu nome Belver

O Outeirinho tem segredos
De muitos anos passados
Com beijinhos e abraços
De casais de namorados

Chegou a inovação
Amigos venham lá ver
Já temos comboio eléctrico
Na estação de Belver

Mas que brincadeira esta
Diz a Maria ao Zé
Só para ver o comboio
Fui á estação a pé

E de regresso a Belver
Descansamos no Outeirinho
Para dois dedos de conversa
A ver o Tejo e o Ribeirinho.
Graça Cunha

Desde Sempre

Quando o mundo nasceu
Já Belver cá existia
Foi o nome que Deus lhe deu
Porque era o nome que merecia.
Hipólito Cunha

O Castelinho

Pelas suas lindas paisagens
O rio banhando-lhe os pés
Tens o nome de Belver
Belver que tão linda és

Tens um castelinho no alto
Com vistas para todo o lado
Uma capelinha no centro
Onde Camões esteve exilado

Onde ele escreveu lindos versos
Ao rio Tejo tão profundo
Escreveu a luz de Portugal
Que Belver apresenta ao mundo
Hipólito Cunha

A Minha Vila

Ó meu castelo encantado
Meu paraíso sem fim
Lá do alto da colina
Estás sempre a olhar por mim

A minha terra tão linda
Nela dá gosto viver
Ela tem os seus encantos
Esta vila de Belver

Esta vila de Belver
Tem miradouros d'encantar
Começando no Castelo, Outeirinho
Fonte Velha e Senhora do Pilar

Mas não fica por aqui
Tudo o que tem para ver
Dê uma voltinha pela vila
E mais fica a conhecer.
Graça Cunha

Lendas

A Bruxa da Assaquia*

Conta a lenda que em tempos idos, se via, durante a noite, uma mulher, que se vestia como se fosse uma bruxa, antigamente qualquer pessoa seria identificada como bruxa por poucos motivos, neste caso, porque se vestia fora do normal e por andar na rua durante a noite, ninguém sabe exactamente de onde vinha e para onde ia, mas muitos diziam ver, a que ficou conhecida como: “A Bruxa da Assaquia*”

A verdade da lenda: Nunca se soube realmente o que se passou, sendo até hoje um mistério o que realmente aconteceu e se aconteceu.

As Muralhas do Castelo

Diz a lenda que, originalmente, o Castelo de Belver seria muito maior que é na actualidade, atingindo até três vezes o seu tamanho actual.

A verdade da lenda: Na realidade o Castelo de Belver sempre teve a sua forma actual, tal é sabido por documentos e pela geologia do terreno, onde o castelo aproveita ao máximo o monte onde se situa, daí se presumir que isto não passa mesmo de uma lenda.

Belver

Segundo a lenda o nome de Belver deriva da frase “que belo ver!”, “”, proferida por uma princesa, de nacionalidade desconhecida, que do alto da torre de menagem do Castelo deslumbrava a magnífica paisagem, ainda hoje visível; ao qual o Rei, seu pai, concordou e decidiu que o Castelo e a Povoação circundante seriam chamados de Belo-Ver, tendo ao longo do tempo sido modificado até ficar com o nome actual de Belver

A verdade da lenda: não é totalmente certa a veracidade desta lenda, derivado da falta de documentos que o comprovem.

Lenda retirada e adaptada do livro “Monografia da Antiga Vila de Belver (Da Ordem de S. João do Hospital)” de J. C. Lobato Ferreira – Câmara Municipal de Gavião, 1984.

* - Assaquia é um provérbio alentejano que provém da palavra saguão, sendo que saguão significa um pátio estreito e a descoberto entre edifícios, já Assaquia significa uma rua estreita entre edifícios, normalmente chamada da travessa.

História de Belver

“Belver era Guidintesta
não há igual a esta
Num cantinho cheio de amor
as casas todas branquinhas
Fazem lembrar capelinhas
Onde se reza ao senhor...”

Marcha de apresentação do Rancho Folclórico e etnográfico de Belver (extracto)

Os versos singelos acima transcritos servem de intróito para vos falar de uma terra secular, de paisagens magníficas e com um património artístico e natural não tão conhecido como seria justo. Belver é uma vila acastelada, debruçada sobre o Tejo, terra de olivais e vinhas em socalco. Plantada em solo beirão, mas “namorando” o Alentejo* a que está ligada por uma ponte rodoviária sobre o rio, construída em 1905.

Foi povoada desde tempos imemoriais, da pré-história aos nossos dias e desses épocas remotas existem testemunhos que atestam tão longa memória – a Anta do Penedo Gordo na localidade de Torre Fundeira (pertencente á freguesia de Belver), achados romanos de diversa índole onde abundam as moedas e se destaca o bastão de Belver, cuja memória descritiva consta de vários livros de natureza arqueológica, bem como diversas inscrições epigráficas encontradas em propriedades rurais da região.

Nos anos 60, foi destruída uma ponte romana sobre a ribeira de Belver de que o autor deste artigo bem se lembra e obviamente substituída por um mamarracho, de cimento, que ainda lá se encontra. É no entanto do período medieval o monumento mais emblemático da vila – o castelo altaneiro, edificado em pleno período da Reconquista Cristã e perfeitamente integrado no que convencionou chamar-se “*a linha defensiva do Tejo*”, que integra também as fortificações de Almourol, Amieira do Tejo, para já não falar de Santarém e Abrantes, após as conquistas aos mouros.

A carta de doação das terras de Guidintesta á ordem de S. João do Hospital, datada de 13 de Junho de 1194 e, citando José Carlos Lobato na Monografia da Antiga Vila de Belver, “a construção do castelo foi decerto acelerada pela aproximação do perigo muçulmano sabendo-se que quando da morte de D. Sancho I estava já concluído. Isto porque, no testamento daquele nosso segundo rei, datado de Outubro de 1210, se indica que uma parcela do tesouro da Coroa em grande parte destinado ás obras da Igreja de Santa Cruz em Coimbra, no valor total de 503.000 maravedis de ouro e 60.400 marcos de prata, estava guardado no Castelo de Belver.

A casa mãe da Ordem de S. João do Hospital na Península Ibérica situou-se em Castela; posteriormente a sede em Portugal foi em Leça do Balio e mais tarde transferida para o Crato, onde D. Sacho I mandou construir Castelo por carta de doação aos Freires Hospitalários em 1232. Já no século XIV, e ainda segundo a referida monografia, a sede da Ordem dos Hospitalários em Portugal situava-se nesta Vila Alentejana onde entretanto se ergueu o Mosteiro de Flor da Rosa, hoje transformado em pousada. Durante a crise de 1383/1385, Belver tomou partido de Leonor de Teles contra Mestre de Avis, que o mesmo é dizer das pretensões de D. João I de Castela e D. Beatriz ao trono de Portugal.

D. Manuel concede-lhe foral novo em 18 de Maio de 1518. Data também do século XVI a construção da Igreja Matriz, modesto monumento em honra de Nossa Senhora da Visitação. Talvez o aspecto mais interessante da Igreja seja o painel do Altar das Almas retratando S. Miguel no Purgatório e atribuído a Pedro Alexandrino, pintor que possuiu importante oficina na segunda metade do século XVIII, sendo também o autor do retábulo do altar-mor da Sé de Lisboa.

De referir ainda no altar da capela de São Brás, no castelo, datada dos finais do século XVI, a existência de um curioso retábulo em madeira, oferta do Infante D. Luís (filho de D. Manuel I e pai de D. António Prior do Crato), foi Grão-Prior do Hospital.

Foi igualmente este Infante que ofereceu á dita capela o cofre com as Santas Relíquias trazidas da Terra Santa e que se encontra hoje na Igreja Matriz, sendo objecto de devoção popular e é em seu nome que se realiza as festas anuais no mês de Agosto.

O castelo e a igreja foram vandalizados por ocasião das invasões Francesas e algumas jóias constantes no cofre desapareceram.

De referir por fim, a bonita capela da Senhora do Pilar, recentemente restaurada, edifício votivo mandado erigir em propriedade privada já no século XIX e que possui no tecto uma pintura a fresco, também objecto de restauro recente.

Em síntese, estes são apenas alguns dos motivos de interesse patrimonial da Antiga Vila de Belver, que aguarda pacientemente a vossa visita, não tendo outra pretensão que não seja a de vos “aguçar o apetite” para um passeio às Terras de Guidintesta.

Carlos Grácio (adaptado).

* - Os limites não são exactos

Agradecimentos

Agradece-se a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste documento, que guardará para todo o sempre relíquias que se poderiam perder no tempo e na memória de todos nós.

Versos: Hipólito Cunha, Graça Cunha;

História: Carlos Grácio;

Fotografia e Escrita: Isabel Martins, Paulo Martins;

Montagem: Diogo Martins.

Este documento encontra-se protegido por direitos de autor, de distribuição digital e distribuição escrita, sendo propriedade da organização Belver.org, é expressamente proibida a publicação e/ou distribuição deste documento sem autorização prévia, para saber mais informação sobre os direitos de autor e distribuição clique [aqui](#).